

EDUCAÇÃO POPULAR E DOCTRINA ESPÍRITA: BUSCANDO A RELAÇÃO ENTRE SEUS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS

Creusa Ribeiro da Silva Lelis; Tatiana Amaral Sorrentino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Canguaretama

creusa.lelis@ifrn.edu.br; tatiana.sorrentino@ifrn.edu.br

Resumo:

Este artigo representa parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida na União Espírita Deus, Amor e Caridade, conhecida popularmente, como Casa da Vovozinha, durante a realização do Curso de Mestrado em Educação. O estudo teve como objetivo buscar estabelecer relações entre os princípios da Educação Popular e os pressupostos filosóficos do Espiritismo. Para tanto, foi necessário partir do entendimento da educação como um processo de desabrochar das virtudes humanas, a qual não se restringe apenas à aquisição de conhecimentos intelectuais, mas também se refere à formação moral do ser humano. A metodologia utilizada neste estudo foi caracterizada por uma abordagem qualitativa, desenvolvida através de pesquisa bibliográfica e de campo, cujo instrumento para construção dos dados foi a entrevista semiestruturada, realizada com alguns sujeitos participantes na referida instituição espírita. No que se refere aos resultados da pesquisa foi possível identificar que alguns dos princípios norteadores da educação popular estavam relacionados com o caráter educativo da Doutrina Espírita, como sejam: a liberdade, o diálogo e o amor. Também foi possível perceber que através da vivência moral proposta pelo Espiritismo, o conceito de práxis como ação-reflexão foi fundamental, para evitar verbalismos e ativismos, ou seja, palavreados e ações desprovidas de uma ação reflexiva.

Palavras-chave: Educação Popular; Doutrina Espírita; Princípios filosóficos.

INTRODUÇÃO

O interesse por buscar estabelecer essa relação entre os princípios da educação popular e os pressupostos filosóficos do Espiritismo teve origem na nossa experiência pessoal, tendo em vista que há quase trinta anos militamos ativamente na União Espírita Deus Amor e Caridade¹, mais conhecida como Casa da Vovozinha. Investigar esse tema foi importante porque essa instituição religiosa procura demonstrar através do estudo e do conhecimento compartilhado nas reuniões públicas, a necessidade da reforma íntima do homem, que o espírito humano está em progresso contínuo e que é preciso despertar a nossa consciência para Deus. Busca promover a moralização do ser humano, procurando desenvolver sentimentos nobres de respeito, solidariedade e amor pelo nosso semelhante.

¹ A União Espírita Deus, Amor e Caridade, criada em 13 de agosto de 1931 recebeu a denominação de Casa da Vovozinha, em virtude de em 1959 ter iniciado o trabalho assistencial de abrigar senhoras de idade, desamparadas por suas famílias. Por se tornar um nome popularmente conhecido, esse estudo fez referência à União Espírita como Casa da Vovozinha. (83) 3322.3222

Em face do exposto, percebemos que o quadro atual da sociedade brasileira ainda se caracteriza por um momento de crise. No contexto histórico que estamos vivendo, provocado pela estrutura do sistema capitalista, na qual a existência de classes sociais, em que uma se sobressai com relação às outras, fomentando a dominação sobre os dominados, ainda persiste um quadro de indignação, de injustiças e de desigualdades sociais. De um lado, ressalta-se a relevância que os aspectos econômicos vêm assumindo diante da humanidade, em virtude da doutrina neoliberal e do processo de globalização. Por outro, a insatisfação humana, na presença do aumento da violência social, do colapso dos valores ético-morais e do distanciamento da espiritualidade. Com isso, tornou-se imprescindível buscar outros caminhos, desenvolvendo outra leitura do mundo, especialmente no que tange ao tema da espiritualidade, à emergência do fenômeno religioso.

Para construção dos dados desse estudo, utilizamos a pesquisa bibliográfica, a qual procurou explicar a relação entre os princípios da educação popular e os pressupostos filosóficos da doutrina espírita, a partir de referências teóricas publicadas em livros e artigos de revista. Também obtivemos informações no campo da pesquisa, através de entrevistas semiestruturadas junto aos indivíduos que participavam das atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha. Esse tipo de entrevista permitiu maior abertura durante os questionamentos, procurando dar liberdade à manifestação dos (as) 10 (dez) respondentes. Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, utilizamos letras na identificação de cada uma. Dessa forma, construímos esse trabalho acadêmico através de dados qualitativos, por estarmos trabalhando com valores, crenças, subjetividades, aspirações e atitudes (MINAYO, 2003) e apresentamos as informações levantadas em forma de tópicos, conforme a organização apresentada neste artigo.

A RELAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR E OS PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Para que possamos estabelecer a relação entre os princípios da educação popular e os pressupostos filosóficos da Doutrina Espírita, optamos por partir do conceito de educação apresentado por Platão (1988, p. 285), o qual afirmou que “a educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem capazes de enfiar na alma o conhecimento que nela não existe, como poderiam dotar de vista a olhos privados da visão”. Para ele, essa faculdade é inata à alma, portanto, fruto de um

processo interno do ser humano. No entanto, concordamos com Platão sobre a necessidade de se provocar o desabrochar dessa capacidade. Para tanto, a ascendência de um (a) educador (a) torna-se imprescindível. A respeito dessa influência, Incontri (2003, p. 42) definiu a educação como:

[...] toda influência exercida por um Espírito sobre outro, no sentido de despertar um processo de evolução. Essa influência leva o educando a promover autonomamente o seu aprendizado moral e intelectual. Trata-se de um processo sem qualquer forma de coação, pois o educador apela para a vontade do educando e conquista-lhe a adesão voluntária para uma ação de aperfeiçoamento. Educar é, pois elevar, estimular a busca da perfeição, despertar consciência, facilitar o progresso integral do ser.

Diante dessas afirmações, percebemos que a educação não se restringe apenas à aquisição de conhecimentos intelectuais, mas também se refere à formação moral do ser humano. Para corroborar esse pensamento, a respeito da bondade inata no ser humano, concordando com a ideia rousseauiana de que o ser humano nasce bom, AMHS afirmou que “a gente tem muita coisa boa dentro da gente”. Da mesma forma, MAGP também disse que: “Essas virtudes, conforme a própria doutrina é orientada aqui na nossa Casa, elas estão adormecidas em cada criatura” (AMHS e MAGP. Entrevistas concedidas em setembro de 2005). Esses entrevistados estavam se referindo ao processo educativo desenvolvido na Casa Espírita, cuja tarefa era despertar as virtudes inatas no ser humano.

Para ratificar esse pensamento, Kardec (1987a, p. 331) diferenciou os conceitos de educação e instrução: “[...] não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos”.

A partir dessas considerações, conforme afirmou Incontri (2003, p. 193), a essência do Espiritismo é a educação, tendo em vista que outras correntes religiosas possuem um caráter salvacionista, ao passo que a Doutrina Espírita busca promover a evolução do ser humano, através da sua transformação moral² e isso é um processo pedagógico. O ser humano é o construtor de si mesmo, foi criado para a perfeição e só a educação poderá ser capaz de combater o mal em geral e as más tendências que o Espírito manifesta. Contudo, não será qualquer tipo de educação capaz de atingir esses objetivos. Por isso, a Educação Popular mereceu um destaque neste artigo, pois foi desenvolvida, especialmente, em favor das classes menos favorecidas, das camadas populares, a fim de descobrir seus interesses e conscientizá-

² Já que nos referimos bastante ao termo moral, estamos considerando a definição apresentada por Kardec (1987a, p. 310) de que “a moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus”.

las. Por isso a educação popular foi cunhada no sentido de educação do povo, apresentando princípios norteadores diferenciados da educação tradicional, baseando-se na liberdade, no diálogo e no amor.

Nessa perspectiva, ressaltamos o modelo educativo desenvolvido por Freire (1983), o qual defendeu uma educação para a liberdade, tornando os oprimidos livres, capazes de conquistar e exercitar a faculdade de pronunciar a sua palavra e de serem protagonistas dos seus destinos. Segundo Freire (1983, p. 55) “tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina”. Dessa forma, a fim de se desenvolver uma educação para a liberdade o diálogo tornou-se uma pedagogia indispensável, devendo ser permeado pelo sentimento de amar. Por isso Freire (1983, p. 80) enfatizou que o amor:

Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor.
Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido.
Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Uma vez colocadas essas considerações, poderia ser questionada qual relação existiria entre a educação popular e a doutrina espírita, haja vista serem duas áreas de conhecimento aparentemente distintas. A propósito dessa questão, convém lembrar que a educação popular tem como objetivo principal promover a transformação da sociedade, a partir do diálogo enquanto metodologia prática, buscando a conscientização da classe oprimida. Pode ser desenvolvida em qualquer lugar, inclusive nos movimentos sociais religiosos. Dessa forma, em virtude da nossa participação ativa no movimento religioso desenvolvido pela Casa da Vovozinha, foi possível identificar traços da educação popular a partir da metodologia utilizada nos grupos de estudo e no trabalho da evangelização infanto-juvenil.

Em busca desses elementos de resposta, tratamos de encaminhar o presente relato com o objetivo de levantar os pontos em comum que existem entre os princípios filosóficos da educação popular e da doutrina espírita. É inegável que essa doutrina tem um forte aspecto educativo, o qual procurou trazer à tona as potencialidades do ser humano, através de uma conscientização que não determina valores, mas ajuda no seu desabrochar. Sendo assim, por se tratarem de duas áreas de conhecimento bastante abrangentes, foram priorizados os aspectos relacionados à liberdade, dialogicidade e amorosidade. Contudo, fez-se necessário

ESPIRITISMO SOB A ÓTICA DA FILOSOFIA E DA EDUCAÇÃO

O espiritismo apresenta um corpo doutrinário formado por três aspectos: ciência, filosofia e religião³. Para Morin (2002), nenhum conhecimento está isento de ser ameaçado pelo erro e pela ilusão. Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer tipo de educação, as grandes interrogações sobre novas possibilidades de conhecer. Nesse sentido, destacamos o caráter filosófico do espiritismo, pois “quando o homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o como e o porquê das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a Filosofia” (BARBOSA, 1987, p. 101). Sempre procurando conhecer mais sobre o sentido humano do existir, seus problemas, origem e destinação. Essa análise filosófica possibilitou o despertar de uma regra moral de vida e de comportamento para os seres da criação, dotando-os de sentimento, razão e consciência. Dentro desse aspecto filosófico, conforme as afirmações de Lobo (1995, p. 13) a doutrina espírita:

Assume uma moldura pedagógica especificamente espírita. Toda filosofia culmina numa pedagogia, por meio da ética. Mas, como filosofia, a doutrina ainda se situa nos estratos teóricos da educação [...], como a ciência, em regra, não é educadora, porém, postula atos educativos.

Até hoje, não houve um só sistema educacional que não estivesse fundamentado em uma filosofia, pois toda filosofia visa ao aperfeiçoamento humano e esse melhoramento é encargo da educação, conforme a própria etimologia da palavra *educere* – tirar, extrair – de dentro da alma humana as suas potencialidades. Há, contudo, de se considerar que não será uma educação tradicional capaz de atingir esse objetivo, tendo em vista o caráter vertical que se estabelece entre educador e educando, porém uma modalidade especial – a educação popular. Apesar de reconhecer os avanços pontuais nesse campo da educação, não com a pretensão de limitá-la num conceito fechado, mas, pelo menos, expressar o que estamos entendendo acerca do que é a educação popular, apresentamos os conceitos de educação popular e espiritismo.

UMA APROXIMAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO POPULAR E ESPIRITISMO

³ Por não fazer parte da análise em questão, não serão abordados os aspectos científico e religioso. Para um maior aprofundamento, veja Barbosa (1987), Kardec (1977; 1979; 1987a e 1987b).

Segundo Gadotti (2000, p. 12) o paradigma da educação popular foi inspirado originalmente no trabalho de Paulo Freire nos anos 60, o qual encontrava na conscientização sua categoria fundamental. Paulo Freire foi um homem que viveu intensamente o seu tempo, sendo considerado por muitos como um subversivo, um perigo contra a segurança nacional, a ponto de ter sido exilado no Chile, em 1964, numa tentativa inútil de calar seu ideal de transformação social. Freire viveu uma época marcada por desigualdades e injustiças sociais e ele sentia a necessidade de mudar essa realidade.

Neste sentido, Wanderley (1984, p. 104) entendeu a educação popular como “aquela que é produzida pelas classes populares, ou produzida para/com elas, em função de seus interesses de classe”. Talvez, por isso, Rodrigues (1999, p. 21) tenha afirmado que essa concepção de educação se ajuste mais adequadamente à denominação de uma educação sócio transformadora. Para Rodrigues, sua proposta é mais direcionada para a efetiva transformação do ser humano e da sociedade, trazendo lucidez, decisão, compromisso, união e solidariedade aos homens para fortalecimento das relações sociais, elementos estes que estão presentes nos debates dos autores, que apresentaram o Espiritismo como educação. No entanto, tornou-se compatível questionarmos sobre a relação que existe entre os princípios filosóficos da educação popular e os postulados da doutrina espírita enquanto obra de educação.

PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO POPULAR E DA DOUTRINA ESPÍRITA

A educação popular tem como objetivo principal promover a transformação da sociedade, a partir da prática do diálogo e da conscientização da condição de classe oprimida. Pode se dar em qualquer lugar. Daí a característica da ubiquidade⁴, apresentada por Rodrigues. O nosso objeto de estudo representa um fenômeno social, que se expressa enquanto um movimento religioso⁵ e desenvolve um trabalho educativo diferenciado do modelo tradicional. Sendo assim, foi possível identificarmos os princípios filosóficos da educação popular relacionados com os pressupostos que norteiam a prática pedagógica da doutrina espírita.

⁴ De acordo com Rodrigues (1999, p. 22) “o objeto de investigação da educação popular pode encontrar-se em qualquer lugar, onde se reúnam regularmente pessoas. [...]”. Pode acontecer no lar, empresa, sindicato, movimentos sociais, escola.

⁵ Segundo Gohn (2000, p. 35) “os movimentos religiosos podem ser incluídos na categoria de movimentos sociais expressivos, os quais divulgam um tipo de comportamento expressivo que, com o passar do tempo, torna-se cristalizado e passa a ter profundos efeitos na personalidade dos indivíduos, e no caráter da ordem social em geral”.

a) *O princípio da liberdade*

Segundo Freire (1983, p. 35) a liberdade é uma conquista, “e não uma doação, exige permanente busca. [...] que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem”. Compartilhando dessa mesma ideia, Gadotti (2000, p. 102) afirmou que “a libertação é o fim da educação. A finalidade da educação será libertar-se da realidade opressiva e da injustiça”, para transformação radical da realidade, melhorando-a para torná-la mais humana e permitindo que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não, como objetos. Nessa perspectiva, Incontri (2004, p. 8) afirmou que:

[...] não há educação espírita sem uma proposta de liberdade, educando o ser espiritual como um ser livre. O educador não vai educar ninguém⁶. Vai despertar no outro um processo de auto educação. É assim que Deus age conosco. Somos espíritos livres e ele nos convida para que nós possamos aderir ao seu projeto de evolução. Mas ele não nos força a isso. Todo processo educacional é um processo para despertar as potencialidades da alma. Por isso, precisa ser dentro de parâmetros de liberdade, respeito à individualidade, apelos, convites, exemplos. E não de coerções externas.

Em face dessas considerações, uma das entrevistadas destacou a necessidade de uma educação espírita que respeite o direito à liberdade nas escolhas que a pessoa faz. Dessa forma, falou-nos o seguinte:

O ser humano nasceu livre. Foi criado por Deus com o direito ao livre-arbítrio⁷. Não é por acaso que a liberdade é uma das dez leis morais apresentadas por Kardec em O Livro dos Espíritos. No entanto, o ser humano é responsável por todos os seus atos, bons ou maus. Se fizer o bem terá todo o mérito. Se fizer o mal, responderá por ele. Por isso, cabe à educação espírita, baseada em uma pedagogia libertadora, que encara o ser humano como um indivíduo autônomo, capaz de construir a sua própria evolução, mostrar ao homem os melhores caminhos a seguir, procurando fazer o bem e evitar a prática do mal. Nisso consiste a maior libertação humana (TAS. Entrevista concedida em setembro de 2005).

Freire (1983, p. 77) também lembrou que ao se pretender a libertação dos indivíduos, não se pode “começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. [...]. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. A este respeito, Incontri (2004, p. 158) destacou o aspecto da educação ativa, ou seja, “a gente só aprende fazendo alguma coisa. [...]. Educação é quando o indivíduo pode desenvolver as suas potencialidades, experimentando coisas. Debatendo, fazendo e até errando [...]”. Essa é a

⁶ Este pensamento assemelhou-se ao de Freire (1983, p. 79) quando enfatizou que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

⁷ Para a doutrina espírita, o livre arbítrio representa a livre escolha que o ser humano faz para seguir seus caminhos. Contudo, responderá por todos os seus atos, já que a nossa liberdade termina onde começa a do outro.

tarefa de uma educação realmente libertadora. Para tanto, Freire (1983, p. 77) também lembrou que essa ação-reflexão representava elemento constitutivo da palavra, do diálogo, por isso, afirmou que:

Não há palavra verdadeira que não seja práxis. [...]. Somente através de uma práxis autêntica, que não seja blá blá blá nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível libertar-se desta realidade funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela e a volta sobre ela.

Isso implicou dizer que esse verbalismo e ativismo tornaram-se ineficazes nessa busca pela superação opressora, e por que não relacioná-la também com o desejo de educar-se. Ao verbalismo deixou de haver a ação e ao ativismo faltou a reflexão sobre a ação realizada. Em outros termos, um dos questionados disse que o “aprendizado é justamente em cima disso, o que você adquiriu lá fora, trazer pra dentro do ambiente que você retorna [...], o que você aprendeu, você leva pra sua vida lá fora, conjugal, de trabalho, no cotidiano” (ENT. Entrevista concedida em setembro de 2005).

A partir dessas colocações, pudemos perceber que o grupo de pesquisados (as) atribuiu um caráter educativo às atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha. Educação compreendida no sentido do melhoramento moral. Para tanto, a entrevistada MJAP ainda observou a necessidade do exemplo, quer dizer da vivência prática daquilo que nós estamos aprendendo. Nessa mesma perspectiva, CCF afirmou que: “Não adianta você tá dentro de uma igreja só pensando, orando e rezando, você tem que fazer alguma coisa, não basta não fazer o mal, é preciso fazer o bem. Isso aí é que é uma grande coisa” (CCF. Entrevista concedida em setembro de 2005).

Dessa forma, pudemos estabelecer uma relação com o sentido de práxis apresentado por Freire (1983), no que se referiu à ação-reflexão. Nesse sentido, compreendemos que não é suficiente adquirir o conhecimento, a educação, porém, a ação no bem é fundamental. Para tanto, devemos considerar que “Assim como exercitou a caridade, a caridade que é a bandeira da doutrina espírita: Fora da caridade não há salvação, mas isso não pode ser somente dito, precisa ser vivido” (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005).

Com base nessas afirmações, pensando em um processo educativo com vistas à conquista da liberdade, outro princípio demonstrado na educação popular tornou-se imprescindível, o diálogo.

b) *o princípio do diálogo*

De acordo com Gadotti (2000, p. 103) “o diálogo consiste em uma relação horizontal e não,

vertical entre as pessoas implicadas, [...] em relação indissociável”. Sobre esse aspecto, recordamos Freire (1983) quando enfatizou que ninguém se educa sozinho e todos se educavam entre si, mediatizados pelo mundo. Ele ainda argumentou que ao ensinarmos, estamos aprendendo e aquele que aprende, ensina ao aprender. Também nessa perspectiva, destacamos a fala de um dos nossos entrevistados quando afirmou que: “Ninguém imagina nenhum espírito em sã consciência pense em evoluir sozinho, porque sabe que isso aí é quase impossível. Ele evolui dentro de um conceito de comunidade, de sociedade e assim por diante” (CGOS. Entrevista concedida em setembro de 2005). À semelhança do que pensou Gadotti, o diálogo para Freire (1989, p. 107) também é:

[...] uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso só o diálogo comunica. E quando dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instalou-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Quando perguntada sobre a importância do diálogo no trabalho educativo da Casa Espírita, uma das entrevistadas fez o seguinte pronunciamento:

O diálogo representa respeito ao outro. Não estamos na Casa Espírita para inculcar nas pessoas nossas crenças e valores, mas para ouvi-las, respeitá-las e acolhê-las. Kardec grande educador que era, estabeleceu uma comunicação dialógica com os espíritos. E nós precisamos cada vez mais desenvolver essa metodologia do diálogo para que possamos pensar juntos, compartilhar saberes e melhorar a nossa interação com as pessoas (MRAM. Entrevista concedida em setembro de 2005).

Incontri (2003, p. 158) também considerou o diálogo condição essencial no processo educativo. Para ela, “o diálogo não é algo que se possa improvisar repentinamente entre pessoas que convivem sob o mesmo teto. Ele é sempre fruto de um longo cultivo e brota de uma relação de confiança”. Incontri (2003, p. 159) ainda destacou que “a condição básica para o diálogo é a compreensão, derivada do amor. A intolerância e o autoritarismo, num extremo e a indiferença no outro, lhe são as maiores barreiras”. Porém, ela lembrou que o verdadeiro diálogo se baseia na aceitação do outro.

Em virtude dessas argumentações, tornou-se clara a necessidade do diálogo para uma educação libertadora. No entanto, fez-se necessário lembrar o alerta feito por Freire (1983, p. 93) de que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. Portanto, o amor também é diálogo e não pode se verificar numa relação de dominação. Quando isso acontece deixa de ser amor e

“o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo no dominador. Amor não” (id. *ibid.*, p. 93). E por tratar dessa condição essencial para o processo dialógico, colocamos em destaque o terceiro princípio.

c) o princípio do amor

Freire (1983, p. 96) foi um homem que teve muito amor pelo mundo, pelas pessoas, pela natureza, pelas concepções que acreditava e defendia. Ele afirmou que “a educação é um ato de amor, [...]. Não pode temer o debate. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Fazendo uso das assertivas de Guevara, mesmo correndo o risco de se tornar piegas, chegou a afirmar que não existe um revolucionário sem amor. Ainda destacou que o amor:

[...] é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (id. *ibid.*, p. 96).

O amor como essência da educação também foi ressaltado por Incontri (2004, p. 9) como “aquilo que realmente vai promover a educação do homem, garantindo que ele direcione a sua liberdade para o bem”. De acordo com as afirmações de Incontri (2003, p. 158) se o amor é uma das finalidades da educação moral, também é o seu recurso principal, pois “só o amor tem o condão capaz de tocar a divindade essencial do Espírito”. Para tanto, não pode ser um amor egoísta, porém, “o amor verdadeiro é aquele que, acima de tudo, deseja o crescimento espiritual do ser amado e se devota, se sacrifica até por esse progresso” (id. *ibid.*, p. 158). Colocado de outra maneira, uma das entrevistadas relatou ter aprendido a amar na Casa Espírita, expressando-se da seguinte maneira:

Tenho aprendido a amar o meu próximo muito, que o meu amor era bem restrito. Tenho aprendido muita coisa com respeito à humildade, eu era uma pessoa muito crítica. Hoje, eu procuro me policiar muito, ver sempre as qualidades, são as coisas que eu mais procuro me policiar, é na parte da crítica, é na parte da humildade. E, assim, o amor da gente a cada dia parece que aumenta, né? A gente vai, assim, querendo bem, eu pensava que o meu amor era minha família, era limitado, só na minha parte consanguínea. E aqui eu aprendi a amar muita gente incondicionalmente, sem procurar retorno, amar como Jesus nos ensina amar, indistintamente (MLBO. Entrevista concedida em setembro de 2005).

Diante dessa perspectiva, acreditamos que o amor é o fundamento maior do processo educativo, a ponto de destacarmos as palavras ditas por uma das nossas entrevistadas a este respeito, quando disse: “Espíritas, amai-vos e instrui-vos, porque ele [o espiritismo] colocou que quando você ama você instrui, você orienta, você tenta mostrar qual o caminho que a pessoa deve

tomar, entendeu?” (AMHS. Entrevista concedida em setembro de 2005). Nesses termos, a entrevistada colocou o amor como condição para o desenvolvimento do processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após trilharmos os caminhos dessa pesquisa, chegou o momento de tecermos algumas considerações sobre a questão que serviu de eixo para o percurso realizado, como seja, a relação entre os princípios da educação popular e os postulados filosóficos da doutrina espírita. Nesse sentido, com base na literatura pesquisada e nas falas das pessoas entrevistadas, constatamos que o espiritismo trouxe uma proposta educativa, se compreendermos esse processo como um desabrochar das potencialidades humanas, no que dizia respeito ao aprendizado moral e intelectual. Percebemos também que a educação espírita estava baseada nos postulados da educação popular, como o diálogo, a liberdade e o amor, o que poderia ajudar o ser humano nesse processo de aprendizagem e aperfeiçoamento.

No entanto, tivemos a consciência de que algumas questões ainda continuavam sem respostas, necessitando de maior aprofundamento e indicando a necessidade de investigar em estudos posteriores, outras fontes de informação, como por exemplo, depoimentos de partícipes do processo educativo desenvolvido pelo movimento espírita da Casa da Vovozinha. Com isso, haverá a possibilidade de verificar a abordagem metodológica, os conhecimentos compartilhados entre educandos e educadores, no respeito à pedagogia do diálogo e ao princípio da liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Pedro Franco. **Espiritismo básico**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

INCONTRI, Dora. **A educação segundo o espiritismo**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2003.

_____. **Pedagogia espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2004.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

_____. **O livro dos médiuns**. Tradução de Eliseu Rigonatti. São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora, 1979.

_____. **O livro dos espíritos**. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1987a.

_____. **O céu e o inferno**. Tradução Manuel Justiniano Quintão. Rio de Janeiro: FEB, 1987b.

LOBO, Ney. **Espiritismo e educação**. Vitória: FESPE, 1995.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação popular**: enunciados teóricos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

MINAYO, M^a Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Huitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

_____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Distrito Federal: UNESCO, 2002.

PLATÃO. **A república**: diálogos. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1988.

RODRIGUES, Luiz Dias. Como se conceitua a educação popular? In: SCOCUGLIA, Afonso Celso & MELO NETO, José Francisco de. **Educação popular**: outros caminhos. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. (Os Pensadores).

_____. **O Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar**. Educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984.